

CIBERCORPOS FEMININOS NA MIRA DE COMENTÁRIOS DE SEXUALIZAÇÃO E ASSÉDIO EM VÍDEOS DE “DANCINHAS” NO TIKTOK

FEMININE CYBERBODIES TARGETED BY SEXUALIZATION AND HARASSMENT COMMENTS IN TIKTOK DANCE VIDEOS

Jéssica Coelho Parreira da Silva¹

Dilton Ribeiro Couto Junior²

Felipe Carvalho³

RESUMO: Recentemente, o TikTok consolidou-se como uma das principais plataformas digitais entre as/os jovens, tornando-se um espaço de expressão e compartilhamento cultural. Fenômenos como as “dancinhas” ganharam destaque, refletindo tendências culturais e servindo como potentes formas de expressão identitária. Na cibercultura, os cibercorpos juvenis femininos emergem como arenas de significação e poder, nos quais marcadores de gênero e sexualidade atravessam a constituição das subjetividades juvenis. Por meio da cartografia online, investigamos os cibercorpos femininos nas “dancinhas” compartilhadas no TikTok e que são constantemente bombardeadas por comentários de sexualização e assédio. Embora marcados por uma lógica patriarcal e heteronormativa, tais comentários também abrem brechas para resistências e reconfigurações identitárias.

Palavras-chave: TikTok. Cibercorpos. Cibercultura. Heteronormatividade. Assédio.

ABSTRACT: Recently, TikTok has established itself as one of the leading digital platforms among young people, becoming a space for expression and cultural sharing. Phenomena such as dance videos have gained prominence, reflecting cultural trends and serving as powerful forms of identity expression. In cyberculture, young feminine cyberbodies emerge as arenas of meaning and power, where markers of gender and sexuality intersect in the construction of youth subjectivities. Through online cartography, we investigate feminine cyberbodies in dance videos shared on TikTok, which are constantly subjected to sexualizing comments and harassment. Although shaped by a patriarchal and heteronormative logic, these comments also create openings for resistance and identity reconfigurations.

Keywords: TikTok. Cyberbodies. Cyberculture. Heteronormativity. Harassment.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do ensino fundamental na Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). E-mail: jessica.parreira10@gmail.com

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor adjunto na UERJ e no ProPed/UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). Bolsista Prociência UERJ/FAPERJ. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

³ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS/UNIGRANRIO) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (PPGE/UNESA). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (GPEC/CNPq). E-mail: felipesilvaponte@gmail.com

O FENÔMENO TIKTOK: reflexões iniciais

Nos últimos anos, a rede social TikTok emergiu como uma das plataformas digitais mais disseminadas entre jovens de diversas partes do mundo, contando com mais de 1,7 bilhão de usuários ativos (Shopify, 2024). Lançado em 2014, o TikTok foi popularizado em 2019 e consolidado durante a pandemia de 2020. A plataforma é voltada para a criação, edição e compartilhamento de vídeos curtos, com a duração entre 15 e 60 segundos. Ao combinar efeitos, filtros e trilhas sonoras, transforma vídeos em artefatos de expressão e interação, destacando-se como um espaço de entretenimento e conexão. Segundo suas diretrizes, a rede é definida como “uma fonte de entretenimento e enriquecimento onde você pode descobrir, criar e se conectar com outras pessoas em todo o mundo. Nossa missão é inspirar a criatividade e trazer alegria” (TikTok, 2024). Por meio de vídeos curtos e potencialmente virais, o TikTok tem se tornado um espaço de expressão, criação e compartilhamento de conteúdos que vão desde o entretenimento até pautas políticas e ativismo social. Entre os conteúdos mais populares, destacam-se as “dancinhas”⁴, um fenômeno que, além de refletir tendências culturais, constitui-se como uma forma de expressão identitária. Nessa rede social, os cibercorpos juvenis femininos ganham visibilidades não apenas como veículos de performance, mas também como arenas de significação e poder, onde marcadores de gênero e sexualidade são tensionados e negociados.

Notamos que a pandemia de Covid-19 catalisou uma presença constante nos espaços digitais, nos quais os cibercorpos tornam-se cada vez mais frequentes. Representados por memes, avatares, fotografias ou conteúdos audiovisuais, os cibercorpos são manifestações do corpo físico no espaço digital (Nolasco-Silva; Maddalena, 2022), assumindo um papel central para entender como as/os jovens interagem com as normas sociais em tempos de cibercultura. As “dancinhas” no TikTok representam mais do que simples movimentos coreográficos; elas são manifestações de cibercorpos que, em muitos casos, desafiam as heteronormas (Butler;

⁴ A palavra dança está no diminutivo não como modo de depreciar/desqualificar as produções culturais das/os jovens tiktokers, mas sim chamando atenção para a forma como se popularizaram no Brasil essas produções audiovisuais de curta duração.

2000, 2003; Preciado, 2014) que dominam o cenário cibercultural.

Entendemos as juventudes como uma categoria social plural marcada por especificidades culturais, sociais e políticas, que, como destaca Dayrell (2003), refletem tanto influências externas quanto detêm o poder de transformar dinâmicas sociais. Em tempos de TikTok, as juventudes reconfiguram modos de ser e estar no mundo, criando novas formas de expressão e subjetivação. Conforme argumentam Couto Junior, Ferreira e Oswald (2017), as movimentações juvenis no ciberespaço problematizam relações, (re)inventam possibilidades e desafiam as transformações de espaço e tempo mediadas pelas tecnologias digitais em rede. Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo é investigar os sentidos produzidos pelos cibercorpos juvenis femininos em “dancinhas” produzidas e compartilhadas no TikTok⁵. O foco reflexivo deste texto recai sobre uma das categorias analíticas do estudo em desenvolvimento, intitulada “Sexualização dos cibercorpos femininos”. Essa categoria diz respeito à objetificação e ao assédio a que os cibercorpos femininos são submetidos, frequentemente bombardeados por comentários pejorativos e desqualificadores feitos por internautas. Discutimos, a seguir, como pensamos-fazemos o presente artigo.

A CARTOGRAFIA ONLINE COMO OPÇÃO EPISTÊMICO-METODOLÓGICA

Essa pesquisa está ancorada no pós-estruturalismo, mais especificamente nas teorias pós-críticas, que enfatizam a análise dos marcadores sociais de identidade e diferença, como gênero e sexualidade. Adotar essa perspectiva implica desestabilizar a fixidez, os rótulos e as metodologias prescritivas que limitam expectativas e possibilidades (Louro, 2007). Com o desejo de construir e experimentar novos caminhos, buscamos explorar pistas e ensaiar percursos metodológicos que considerem a pesquisa como um acontecimento dinâmico e situado no presente (Paraíso, 2014). Para pesquisar no contexto do TikTok, adotamos a cartografia online como uma forma de entender as relações de poder produzidas no contexto do digital em rede. Segundo Carvalho e Pocahy (2020), cartografar é um ato político que exige comprometimento com análises aprofundadas da complexidade do tempo presente.

⁵ A primeira autora do texto conduziu o trabalho de campo no TikTok.

Cartografar em tempos de cibercultura requer interação com as dinâmicas digitais, possibilitando o diálogo com saberes diversos por meio de memes, hashtags e comentários de internautas (Teixeira, 2022). Contudo, como alerta Kastrup (2015), atenção plena não implica absorver tudo, mas focar naquilo que nos afeta e provoca estranhamento, abrindo espaço para a problematização e o enfrentamento de questões.

Ao produzirmos a cartografia online no TikTok, buscamos problematizar comentários feitos em vídeos de danças produzidos e compartilhados por jovens mulheres, analisando como as heteronormas estruturam e organizam discursos e relações de poder. A proposta vai além da análise textual dos comentários e procura compreender os contextos e sentidos que eles produzem. Investigar os cibercorpos juvenis femininos nas “dancinhas” significa enfrentar os desafios impostos pelos algoritmos, que agenciam interações e moldam experiências. Partindo das práticas emergentes no TikTok – em especial, as “dancinhas” –, levantamos questionamentos e exploramos tensões para construir uma cartografia que acompanhe a formação de redes político-pedagógicas, processos formativos, múltiplos agenciamentos e os diversos modos de assujeitamento e subjetivação (Carvalho; Pocahy, 2023). Essa abordagem permite observar como as subjetividades são constituídas e compartilhadas, bem como investigar as relações de poder produzidas em meio às normas regulatórias de gênero.

O trabalho de campo iniciou-se em abril de 2023 e vem acompanhando as produções de perfis femininos de 102 jovens brasileiras, espalhadas pelo território nacional, todas criadoras de conteúdos relacionados à dança. Durante a pesquisa, o olhar investigativo priorizou as interações nos comentários, com especial atenção àqueles que geram afetamento e despertam atenção no campo (Kastrup, 2015). Cartografar os comentários no TikTok exige também o reconhecimento de que muitos deles refletem uma sociedade ocidental do Sul global, pavimentada sob um regime heterocentrado (Preciado, 2014). Isso demanda um olhar crítico e atento para identificar os enquadramentos impostos aos corpos femininos. Destacamos que as relações de gênero permeiam todas as esferas sociais e, ao mesmo tempo, são por elas influenciadas (Louro, 2013). Esse cenário é evidenciado nos comentários das/dos usuárias, que, de maneira explícita ou sutil, reproduzem e reforçam dinâmicas sociais ao interagir com as produções audiovisuais compartilhadas no TikTok, como será discutido a seguir.

CIBERCORPOS FEMININOS EM/NA REDE: sexualização e assédio em análise

O TikTok, inicialmente conhecido como uma plataforma voltada ao entretenimento e à criatividade, também revela como os cibercorpos femininos são sexualizados e submetidos a assédio por meio das interações do público, especialmente nos comentários. O sistema de recomendação baseado em algoritmos da plataforma contribui para amplificar essas interações, potencializando o engajamento e as respostas às performances das criadoras de conteúdo. Os vídeos, além de atraírem a apreciação por suas coreografias, também despertam olhares que enfatizam aspectos do corpo e da aparência das mulheres. A seguir, apresentamos comentários, com suas respectivas datas de postagem, que foram cartografados no TikTok. Esses comentários foram produzidos por perfis masculinos em vídeos de “dancinhas” publicizados e protagonizados por mulheres.

1. “meu negocio fica parecendo uma pedra” (19/02/2023)
2. “era dois abusos e o Daniel Alves já tava preso” (10/03/2023)
3. “tá muito rápido, de levinho pfvr vai” (20/05/2022)
4. “caso na hora” (14/06/2024)
5. “e faria questão de construirmos uma família” (15/06/2023)
6. “Aiii mano, sou apaixonado nessa garota” (14/06/2023)
7. “É lá em casa vc é tudo de bom mesmo” (07/01/2025)
8. “Tá eu e o binho chorando debaixo da coberta” (01/12/2024)
9. “matava-napika” (06/12/2024)
10. “kiku-zao” (11/12/2024)
11. “se vc quiser me dar” (26/12/2024)
12. “joga ela na minha mão então po” (29/12/2024)
13. “joga ela pra nós” (30/12/2024)
14. “até esqueci que namoro” (18/12/2024)
15. “agora só é esperar a xerec....” (07/01/2025)

A sexualização dos corpos femininos no TikTok reflete dinâmicas sociais presentes na cibercultura, em que as interações nos comentários frequentemente expõem um regime heteronormativo e patriarcal. Para Butler (2000, 2003), em uma sociedade heterocentrada, as normas regulatórias de gênero ditam o que os corpos “deveriam” ser, a partir de expectativas rígidas de como homens e mulheres “devem” se comportar. Essa conjuntura escancara um regime heteronormativo que busca moldar o mundo como se só houvesse uma maneira “certa” de (co)existir. Ao mapear as reações do público aos vídeos de dança, nota-se uma tendência de

destacar a aparência física e os movimentos das criadoras de conteúdo, muitas vezes reduzindo as performances a avaliações controladoras, superficiais e sexualizadas. Esses comentários refletem como a sociedade molda o olhar sobre o corpo feminino, especialmente o das jovens, que, embora conquistem visibilidade e protagonismo, enfrentam a objetificação e a vigilância constante de seus corpos no ambiente digital.

É importante estar atentas/os às nuances das mensagens que sexualizam e assediam as performances dos cibercorpos femininos. Percebe-se a existência de comentários explicitamente violentos e também de frases aparentemente sutis, mas que possuem características inequívocas de importunação dirigidas aos cibercorpos dançantes. Um exemplo inicial é o comentário que menciona o crime cometido pelo jogador brasileiro de futebol Daniel Alves⁶: “era dois abusos e o Daniel Alves já tava preso”. Ao publicar tal comentário, que menciona “abusos” e faz referência ao caso do jogador condenado pela justiça espanhola em 2024 por agressão sexual, o usuário nos provoca a refletir sobre como casos de violência sexual podem ser ressignificados e instrumentalizados em interações online para (re)produzir discursos que naturalizam o assédio e reforçam o controle sobre os corpos femininos. Entre os comentários explícitos e violentos que caracterizam assédio sobre os cibercorpos, destacam-se “meu negócio fica parecendo uma pedra”, “tá muito rápido, de levinho pfvr vai”, “Tá eu e o binho chorando debaixo da coberta”, “matava-napika”, “kiku-zao”, “se vc quiser me dar”, “joga ela na minha mão então po”, “joga ela pra nós” e “agora só é esperar a xerec...”. Esses comentários mencionam partes íntimas, movimentos eróticos e sexuais, objetificando os corpos das jovens e evidenciando uma agressividade simbólica que reforça a desumanização e o controle sobre os cibercorpos femininos. A sexualização explícita transforma as performances de dança em gatilhos para discursos que normalizam a violação de limites éticos, reforçando uma cultura de assédio amplificada pela visibilidade e pelo alcance das redes sociais. Essa dinâmica evidencia como os cibercorpos femininos, ao mesmo tempo que são fontes de expressão, são também alvos de práticas que reiteram estruturas de poder e opressão no ambiente digital.

Por outro lado, o caráter explícito de comentários como “caso na hora”, “e faria questão

⁶ Sobre o caso do agressor sexual Daniel Alves, ver <<https://encurtador.com.br/i2LhL>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

de construirmos uma família”, “Aiiii mano, sou apaixonado nessa garota”, “É la em casa vc é tudo de bom mesmo” e “até esqueci que namoro”, também merecem atenção. Embora apresentados como elogios ou declarações de afeto e interesse, esses comentários carregam elementos que reduzem as jovens a objetos de desejo ou à conformidade com papéis tradicionais de gênero. Preciado (2014) nos alerta que esse binarismo opera como uma espécie de ditadura invisível, na qual qualquer tentativa de questionar a lógica heteronormativa esbarra em discursos que buscam corrigir corpos e comportamentos dissidentes. Tais discursos reforçam a ideia de que os corpos femininos estão sempre disponíveis para apreciação e julgamento, mesmo quando mascarados sob a aparência de intenções positivas ou românticas.

A sutileza de muitos comentários no TikTok, frequentemente interpretados como inofensivos, dificulta sua identificação como formas de assédio. No entanto, isso não diminui o impacto emocional e psicológico sobre as jovens, que enfrentam uma vigilância constante e a regulação de suas performances, aparências e comportamentos. Preciado (2014) expande essa análise ao argumentar que o regime heteronormativo não apenas organiza, mas também cria e alimenta uma hierarquia que reforça o controle social sobre os corpos femininos. Essa lógica encontra no ciberespaço, em especial nas redes sociais, um terreno fértil para sua perpetuação, potencializada pela dificuldade de responsabilização legal que frequentemente caracteriza o ambiente digital. Os comentários, explícitos ou velados, que objetificam e assediam os cibercorpos femininos refletem dinâmicas de poder de uma sociedade patriarcal que utiliza o ciberespaço para ampliar seu alcance. No entanto, essas interações também oferecem pistas valiosas para compreender os mecanismos de regulação e controle impostos sobre os corpos femininos e como esses corpos resistem ou se submetem a tais imposições. Assim, a análise crítica dos comentários deve ir além da simples categorização de discursos, buscando identificar como essas práticas interagem para reforçar normas opressoras e explorar formas de subvertê-las.

Reconhecer e problematizar essas dinâmicas é essencial para pensar em estratégias de resistência dos corpos femininos no ciberespaço, resgatando a potência das performances como espaços de agência e (re)construção de subjetividades. Nesse contexto, o trabalho cartográfico não pode se limitar à identificação e análise de nuances, mas deve também se posicionar

criticamente frente às estruturas de poder e violência simbólica presentes nas interações no TikTok. Compreender os comentários – explícitos ou velados – como expressões de uma lógica heteronormativa e patriarcal permite problematizar as dinâmicas discursivas da plataforma e avançar na reflexão sobre as possibilidades de resistência dos cibercorpos femininos nas redes sociais. O percurso cartográfico demonstra que, embora o TikTok ofereça maior agência e liberdade criativa às jovens mulheres, ele também se configura como mais um espaço onde os marcadores sociais de gênero, sexualidade e aparência são disputados. Os algoritmos, que promovem conteúdos com base nas interações, amplificam práticas de sexualização, gerando uma tensão entre a liberdade de expressão das usuárias e a forma como suas identidades e corpos são percebidos e julgados pela audiência. Essa dualidade reforça a necessidade de uma postura crítica e subversiva frente a esses enquadramentos, promovendo uma compreensão mais ampla e menos opressiva das performances femininas no ciberespaço. Assim, é possível fomentar debates que desafiem os limites impostos por normas patriarcais e possibilitem repensar os usos sociais das plataformas digitais.

BREVE (IN)CONCLUSÃO

O TikTok consolidou-se como uma plataforma central para a expressão cultural e identitária de jovens na contemporaneidade. Ao permitir que criadoras compartilhem as famosas “dancinhas”, a rede social oferece um espaço de visibilidade e agência, possibilitando que corpos femininos ocupem um lugar de maior protagonismo. No entanto, esse ambiente digital também expõe as mulheres à sexualização e ao assédio, refletindo as dinâmicas sociais de uma sociedade patriarcal e heteronormativa. Nesta cartografia online, buscamos evidenciar as relações de poder que permeiam as interações no TikTok, com destaque para os conteúdos sugeridos com base no comportamento dos usuários. Esses espaços frequentemente colocam as mulheres sob uma vigilância constante, em que seus corpos e performances são alvo de avaliações e controles. Nosso percurso cartográfico ultrapassou a análise dos comentários nos vídeos, abrangendo também as redes de subjetivação que se formam, expondo como a sexualização e a objetificação dos corpos femininos são intensificadas pela dinâmica da cultura

digital e pelas interações de um público predominantemente masculino.

Por fim, destacamos que, nos vídeos de dança do TikTok, os comentários refletem tanto a sexualização explícita quanto a velada dos cibercorpos femininos. Comentários diretos, que fazem referência a partes íntimas e movimentos sexuais, desumanizam as criadoras de conteúdo, enquanto comentários mais sutis, apresentados como elogios ou declarações de afeto, também reduzem as mulheres a objetos de desejo ou à conformidade com papéis de gênero tradicionais. Embora o TikTok se configure como uma plataforma que promove a expressão e a agência das juventudes femininas, ele também escancara os desafios enfrentados pelas mulheres diante da sexualização e do controle social sobre seus corpos. Reconhecer essas dinâmicas é essencial para problematizar os mecanismos de opressão presentes no ciberespaço e para propor caminhos que ampliem as margens de liberdade dos cibercorpos femininos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **CORPOS QUE PESAM**: sobre os limites discursivos do sexo. In: **LOURO**, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte. Autêntica, 2000, p. 151-172.

BUTLER, Judith. **PROBLEMAS DE GÊNERO**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte de; **POCAHY**, Fernando. O método cartográfico na/com a formação na cibercultura. RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 62-77, mar./abril 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/33t3oe9>>. Acesso em: 4 maio 2021.

. **CIBERCARTOGRAFIA**: uma abordagem ético-epistêmico-metodológica na cibercultura. In: **OSWALD**, Maria Luiza; **FERNANDES**, Adriana Hoffmann; **SILVA**, Dagmar Mello; **COUTO JUNIOR**, Dilton

Ribeiro; **FERREIRA**, Helenice Mirabelli Cassino (Orgs.). **METODOLOGIAS DE PESQUISA ONLINE**: investigando em/na rede com o outro. Rio de Janeiro. Ayvu, 2023, p.175-203.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; **FERREIRA**, Helenice Mirabelli Cassino; **OSWALD**, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. Interfaces Científicas – Educação, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zRX7KV>>. Acesso em: 26 out. 2017.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez., 2003. Disponível em: <<https://encr.pw/1csNS>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **PASSOS**, Eduardo; **KASTRUP**, Virgínia; **ESCÓSSIA**, Liliana (Orgs.). **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre. Sulina, 2015, p. 32-51.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... Educação, Sociedade e Culturas, Porto, v. 1, n. 25, p. 235-245, 2007.

_____. **UM CORPO ESTRANHO**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. Ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2013.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; **MADDALENA**, Tania Lucía. O corpo, a tela e a produção de presença na EaD. EaD em foco, Rio de Janeiro, v.12, n. 3, e1915, 2022. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/MNdoN>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **METODOLOGIAS DE PESQUISAS PÓS-CRÍTICAS EM EDUCAÇÃO E CURRÍCULO**: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: **MEYER**, Dagmar Estermann; **PARAÍSO**, Marlucy Alves (Orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

PRECIADO, Paul Beatriz. Manifesto Contrassexual. São Paulo. N-1 Edições, 2014.

SHOPIFY. TikTok no Brasil: estatísticas e dicas. 2024. Disponível em: <<https://www.shopify.com/br/blog/tiktok-brasil>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. **NA PANDEMIA NEM TUDO QUE RELUZ É OURO**: discutindo fake news e o fenômeno da pós-verdade em tempos de necropolítica no Brasil. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura de Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022. Disponível em: <<https://encr.pw/D9yuF>>. Acesso em: 5 ago. 2023.

TIKTOK. Diretrizes da Comunidade TikTok. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/community-guidelines>>. Acesso em: 15 set. 2024.